

A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA TERCEIRA IDADE: OBSERVAÇÃO EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – CRAS

Paola Cristina Cunha Abreu¹
Alcione Januária Teixeira da Silveira²
cionepsi@hotmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências humanas

RESUMO

O presente artigo tem como intuito identificar os benefícios do grupo de convivência na terceira idade em um Centro de Referência de Assistência – CRAS. O CRAS tem o objetivo de contribuir com a socialização e autonomia, fortalecendo vínculos, promovendo um envelhecimento saudável, contribuindo para uma participação ativa, aceitando o envelhecer. Para obtenção de informações foi realizada uma observação sistemática de um grupo da terceira idade em uma cidade da zona da mata mineira. Foi perceptível satisfação que o grupo proporciona, refletindo na vida pessoal das idosas, proporcionando uma vida mais saudável. Através deste estudo ficou evidente como a terceira idade precisa da atenção e políticas públicas para garantia dos direitos e da qualidade de vida nesse momento da vida.

PALAVRAS-CHAVES: terceira idade; grupo de convivência; CRAS.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente a taxa demográfica de idosos vem aumentando referente às baixas taxas de mortalidade e natalidade, além dos avanços na medicina, com isso levanta-se a necessidade de novas políticas públicas a fim de promover direitos e qualidade de vida para essas pessoas (Wichmann, *et al.*, 2013). Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística estima-se que “em 2050 para cada grupo de quatro brasileiros, um será idoso” (Katzner, Gobbo, 2015, p.6).

Sendo assim, vemos um grande desafio para toda população e para os governos que se potencializa na ideia de quando chegar à velhice, que seja com boa saúde física, bem estar mental e social. Diante o exposto, a questão que motiva esse trabalho é como as políticas públicas e as pessoas estão se preparando?

Neste intuito o estudo teve como objetivo identificar os benefícios do grupo de convivência na terceira idade em um CRAS.

¹ Acadêmica do 6º período do curso de Psicologia da Faculdade Univértix.

² Psicóloga – Mestre em Educação – Professora da Faculdade Univértix.

Nessa direção, partimos da hipótese que os serviços ofertados pelo Centro de Referência Social – CRAS, através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, sejam uma forma de promoção de inclusão social, já que na terceira idade há um afastamento do trabalho, amigos e em alguns casos da família.

Com esse estudo pretendemos promover uma reflexão sobre a importância dos grupos de convivência na terceira idade, assim como perceber a relevância do estudo, devido à contribuição que pode trazer aos idosos e efetivação das políticas públicas para esse público.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na Constituição Federal de 1988 a Assistência Social foi definida junto Saúde e Previdência no qual formariam o Sistema Brasileiro de Seguridade Social, assumindo a condição de direito de todo cidadão, combatendo as causas de pobreza, marginalização, promovendo a integração social dos desfavorecidos. Em 1993 com a aprovação da Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS inicia a efetivação dos serviços e benefícios referente à política de assistência social (DELGADO, JACCOUD, NOGUEIRA, 2009).

A LOAS é reconhecida como política pública a fim de garantir direitos e cidadania de seus membros, no entanto significativas modificações foram aplicadas e surge a implementação do Sistema Único de Assistência Social - SUAS com intuito de organizar a Assistência Social no Brasil para atender as pessoas que necessitam, buscando soluções para as famílias que perderam seus vínculos, e precisam de proteção, considerando onde elas vivem e o tipo de proteção que precisam (Brasília, 2004).

Em setembro de 2004 em reunião ao Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS foi aprovado a Política Nacional de Assistência Social - PNAS que apresenta como projeto político, a radicalização dos modos de gestão e financiamento da política de Assistência Social, este serviço é operado através do SUAS, promovendo o funcionamento da política para promoção da vida. Em vários objetivos de intervenção do SUAS, destacamos a proteção social básica que se concretiza além de outros serviços, através do CRAS (BRASÍLIA, 2008).

Segundo Brasília (2009), o CRAS é uma unidade estatal, presente em algumas cidades e municípios, com oferta de serviços de proteção social básica do SUAS e com foco na prevenção e promoção de vida, em áreas de vulnerabilidade e em situações de riscos, por meio do acesso a informações, fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Sugere-se que faça um mapeamento do território para referenciar as áreas de vulnerabilidade e risco, conhecer as famílias, suas potencialidades e necessidades.

O CRAS viabiliza através da rede sócio assistencial o acesso a serviços, benefícios e projetos de assistência social. Um dos serviços ofertados é o Programa de Assistência Integral a Família – PAIF, exclusivo do CRAS com objetivo de fortalecer a função protetiva dos vínculos familiares, promovendo acesso a informações, melhoria na qualidade de vida, acolhimento, acompanhamento e encaminhamento a outros serviços. O PAIF atua junto ao SCFV, outro programa ofertado pelo CRAS e realiza grupos de acordo com a idade, atividades como oficinas de pintura, costura, futebol, capoeira, rodas de conversa, palestras, oficinas para crianças, adolescentes e idosos, atuando assim no fortalecimento de vínculos, autonomia, incentivando a socialização e a convivência comunitária (BRASÍLIA, 2016).

Vamos apresentar com mais ênfase sobre as oficinas, que será objeto de nossa observação e se apresenta como:

Um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir (AFONSO, 2006, p 09).

Alguns teóricos fundamentam o trabalho das oficinas, como Kurt Lewin e a pesquisa ação de pequenos grupos, teoria psicodinâmica do grupo como Freud, Bion e Pichon-Rivière, a pedagogia e autonomia de Paulo Freire.

Segundo Afonso (2006) Lewin iniciou seus estudos com intuito de entender os preconceitos realizados na sociedade e assim estudou os pequenos grupos no seu contexto social coletivo, as mudanças sociais, a participação dos grupos e do pesquisador. Relatou que para Lewin o grupo é como campo de forças de interações sociais multidimensionais, com a qual está em constante movimento e mudança social, gerando assim questionamentos de como o grupo age, a forma que age e, porque a

ação do grupo é estruturada da forma que é estruturada. Sendo assim a pesquisa ação visa.

(1) um objetivo prático, de resolução de problemas, no contexto social; (2) elaboração de propostas de ação que colaborem com os sujeitos sociais em sua atividade transformadora; (3) construção de conhecimento do grupo sujeito sobre si mesmo, suas condições de vida, valores, projetos, visando subsidiar suas escolhas diante dos problemas enfrentados; (4) produzir e socializar conhecimentos, a partir de situações específicas, que possam ser utilizados na sociedade (AFONSO *et al.* 2015, p 145).

Sendo assim as ações humanas se formam diante uma realidade dinâmica e recíproca entre consciência e campo, das interações grupais, onde se adquire conhecimento, onde há comunicação, mudanças sociais (AFONSO, 2006).

Outra base teórica referente ao tema é a psicodinâmica que aborda a vida emocional e inconsciente dos grupos e oficinas, nessa linha temos Freud que diz que “existem dois mecanismos psicológicos básicos à união de um grupo: a identificação e a sublimação” (*apud* AFONSO, 2006, p. 15). A identificação cria uma identidade grupal e de si, através do vínculo criado com o líder e de um ideal de grupo, onde sintam-se à vontade para se expressar. A partir das ideias de Freud, Bion acredita que o ser humano é um ser social que está se relacionando com o outro a todo o momento ainda que de forma imaginária ou simbólica, para ele os grupos funcionam de duas maneiras, sendo o nível de tarefa, que implica objetivos e regras conscientes e o nível de valência que compreende a esfera afetiva e inconsciente do grupo (AFONSO, 2006).

Dessa forma a realização da oficina deve ser conduzida por um coordenador que tenha papel ativo no grupo, contudo não pode propor e impor algo, ele auxilia para que os objetivos e tarefas sejam cumpridas, ele estimula às trocas de experiências e sempre está atento as manifestações de sentimentos do grupo (AFONSO, 2006).

É importante destacar algumas questões de grupo, pois participamos de grupos a todo o momento, de forma rotineira que nem percebemos, ou por opção pessoal, essa é uma interação de suma importância para nosso desenvolvimento, nossas experiências e a serviço de uma mudança social e sua manutenção. Contudo há os grupos estruturados com objetivo específico como os ligados à igreja, indústrias, instituições, partidos políticos, casais, famílias entre outros (CARLOS, 2013).

Segundo Rogers (2002) os grupos costumam ser pequenos de oito a dezoito membros, sempre há um líder que facilita o processo, para que as pessoas se sintam à vontade, expressem seus sentimentos, para que indivíduos que até então se sentiam isolados ou com vergonha, medo de expor suas opiniões, mostram aos poucos seus sentimentos, começam a se aproximar do outro, sentir o calor humano, sentem uma intimidade antes não sentida até por familiares pessoas próximas e acabam por conhecer a si próprios.

Sendo assim, Wichmann *et al.* (2013) na Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia destacou que com a chegada da aposentadoria os idosos procuram algo para fazer já que terão tempo livre, alguns buscam realizar um desejo ou projeto antes esquecidos, com isso os grupos de convivência ofertados pelo CRAS são uma boa alternativa, as oficinas e o grupo é um meio de grande importância psicossocial para se interagir, compartilhar experiências de vida, inserção social, atividade educativa, permite a socialização cujos vínculos estão enfraquecidos contribuindo para um envelhecimento satisfatório.

Assis (2005) estabelece uma importante recomendação ao idoso, o dever de se preocupar com o autocuidado, investir em atividades prezando suas capacidades, habilidades e sua autonomia (*apud* Combinato *et al.*, 2010).

De acordo com Wichmann *et al.*, (2013) a Organização das Nações Unidas (ONU) propõe prevenção da deterioração física e psíquica e promoção da saúde, incremento da oferta educativa e cultural e integração social das pessoas idosas. Os Centros de Convivência no CRAS destinados a terceira idade tem esse intuito de contribuir com a socialização e autonomia, fortalecendo vínculos, promovendo um envelhecimento saudável, dando a eles essa oportunidade de participação ativa, aceitando o envelhecer (BRASILIA, 2018).

Mediante o exposto, vamos nos ocupar a seguir da descrição de um grupo de idosos observado em uma experiência de estágio. Este grupo merece atenção diante da fase do desenvolvimento humano que tem suas vantagens e desvantagens por conta das mudanças morfológicas, funcionais e bioquímicas causando uma limitação e mais propensos a doenças (Combinato *et al.*, 2010, *apud* Papaléo Netto, 2006).

3. METODOLOGIA

A observação sistemática é um importante instrumento de coleta de dados que possibilita uma melhor compreensão da realidade e não somente sob as suposições do que ocorre com o sujeito. É possível perceber o comportamento, as ações, as expressões faciais, o contato físico, postura, vocalização, e o que mostram sentir no meio em que estão inseridos. (DANNA, MATOS, 2006).

O relatório em questão é cumprimento do estágio do curso de Psicologia da Faculdade Univértix e foi realizado em um CRAS localizado em uma cidade da zona da mata mineira, cuja principal fonte de renda é o café e segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem população estimada em 2019 de 16.208 pessoas.

A observação foi realizada no mês de agosto de 2019, no período de uma hora durante quatro dias. Acontecia uma roda de conversa com o grupo de idosas conduzido pelo psicólogo da instituição. Os encontros aconteciam no espaço do CRAS, eram um grupo de sete idosos(as), entre eles(as) a presença maior era do sexo feminino.

O CRAS observado tem um ambiente bem conservado, com móveis novos e cômodos pequenos, divididos em 01 sala para realização do cadastro único, 01 sala para o psicólogo, 01 sala para armazenamento dos documentos do bolsa família, 01 sala para assistente social, 01 recepção, 03 banheiros, 01 cozinha, 01 área para realização das oficinas, é o espaço maior e se que é destinado para realização das atividades. O imóvel pertence à prefeitura municipal, se localiza no centro da cidade e funciona de segunda-feira a sexta-feira, de 08h00min até 17h00min.

Através das informações passadas pelo psicólogo e da observação realizada, a equipe multidisciplinar de trabalho é composta por 01 secretária, 01 gestora, 01 assistente social, 01 psicólogo, 01 serviços gerais, 04 oficinheiros, 02 referências no cadastro único.

Para preservar a identidade dos participantes, os nomes usados são fictícios. Todos os recortes de falas usadas no texto foram colhidos durante a observação.

4. RESULTADO E DISCUSSÕES

A Política Nacional do Idoso – PNI surgiu em 1994 com o propósito de garantir direitos sociais, autonomia e integração efetiva e social aos idosos. Em 2003 o Estatuto do Idoso foi aprovado (LEI N.º 10.741) para reforçar a garantia desses direitos (BRASILIA, 2010).

Como responsabilidade dos órgãos públicos de acordo com Brasília (2010) a PNI no seu art. 10 capítulo IV descreve como responsabilidade na área de promoção e assistência social:

- a) prestar serviços e desenvolver ações voltadas para o atendimento das necessidades básicas do idoso, mediante a participação das famílias, da sociedade e de entidades governamentais e não-governamentais. b) estimular a criação de incentivos e de alternativas de atendimento ao idoso, como centros de convivência, centros de cuidados diurnos, casas-lares, oficinas abrigadas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros; c) promover simpósios, seminários e encontros específicos; d) planejar, coordenar, supervisionar e financiar estudos, levantamentos, pesquisas e publicações sobre a situação social do idoso; e) promover a capacitação de recursos para atendimento ao idoso (BRASILIA, 2010, p. 10).

Dessa forma o CRAS como política de serviço de proteção social básica que garantem direitos e condições de vida (BERZINS, GIACOMIN, CAMARANO, 2016) atua através do SFV, com objetivo de fortalecer vínculos, contribuir para socialização, acesso a informações, e assim concretiza alguns objetivos propostos pela PNI (ALMEIDA *et al.*, 2017).

No CRAS observado é realizado um grupo da terceira idade e a maioria é do sexo feminino, acontece um encontro semanal toda segunda-feira, no período de uma hora, com público de mais ou menos sete pessoas. O psicólogo é o facilitador que conduz o grupo. Nestes encontros é realizado uma Roda de Conversa e são discutidos vários temas que vão surgindo durante o momento trazendo grandes reflexões e compartilhando experiências de vida e de aprendizagem.

Durante a roda de conversa, observamos que as idosas gostam de estar ali, também que a presença/condução do psicólogo é algo essencial, pois todas as idosas que se apresentam alegres e com um grande sorriso no momento que ele chega. Em um dos encontros à senhora Esmeralda chegou a dizer:

“Cada dia eu faço alguma tarefa em casa, mas a segunda-feira é sagrada para vir no CRAS” (Esmeralda).

Essa satisfação é observada também nos estudos de Wichmann *et al.*, (2013) que evidencia a qualidade de vida interligada ao bem estar físico e emocional, este bem estar pode se dar através do convívio com outras pessoas, ou seja, estes grupos de encontro tem esse intuito, é um meio no qual o idosos conquistam sua autonomia, faz novas amizades, além de sair da solidão, refletindo assim em uma satisfação na vida pessoal.

Durante a roda de conversa foi observado que algumas idosas são viúvas, os filhos são casados e residem em outras cidades. Assim, percebemos que os encontros se tornam um momento de socialização, um pertencimento ao grupo uma ligação de amizade, um sentimento de liberdade conquistada nessa fase, uma idosa disse:

“acabo ficando muito sozinha, aqui no CRAS me distraio, converso com minhas amigas, é muito bom” (Rubi).

Como Rogers (2002) diz em sua obra, o grupo de encontro vai além dos encontros cotidianos, no trabalho, igreja, por exemplo, no grupo há relações com mesmo intuito de compartilhar experiências, emoções e sentimentos sem censura, onde há um acolhimento, há um laço de confiança.

Nesse grupo, o psicólogo faz momentos de reflexão, nos dias observados vimos discussões com temas sobre relacionamentos, perdão, escolhas, aceitação, diálogo, dificuldades de admitir erros, destino, pensamentos positivos e negativos. Importante destacar a participação desse grupo, elas se entregam, fala bastante, escutam e se demonstram interessadas, vemos alguns recortes em um encontro dedicado à aceitação nessa fase da vida:

“eu separo as funções da casa, cada dia faço algo, pois não consigo fazer tudo em um dia, mas aceito que não consigo fazer o que fazia antes” (Esmeralda).

“Temos que fazer assim, já que não conseguimos mais fazer as coisas como antes” (Safira).

As falas descritas vêm de encontro aos estudos de Schneider, Marcolin, Dalacorte (2008), que descrevem esta fase da vida marcada por limites funcionais como perda da audição, déficit cognitivo, problemas nos ossos causando riscos de quedas, transtornos no sono, entre outros fazendo com que os idosos se sintam incapazes de realizar tarefas. Além deste contexto há também, perda de amigos, familiares, perda do vínculo com estes fazendo que os idosos se sintam sozinhos,

depressivos promovendo uma má qualidade de vida, o afeto é muito importante neste momento da vida.

Em outro momento, o assunto foi empatia e perdão e a Senhora Esmeralda traz sua experiência dizendo:

“as vezes falamos, ou tomamos atitudes que no momento não percebemos como pode ter afetado alguém, então é importante pensar nessas atitudes e pedir desculpas” (Esmeralda).

Outro tema abordado e motivo de muitas reflexões foi o ato de admitir nossos erros, uma das idosas disse:

“é muito difícil admitir que erramos, é como se não pudéssemos cometer um erro de forma alguma, ou não queremos que as pessoas ao nosso redor saibam que erramos” (Jade).

Sendo assim, de acordo com Alves (2014) os grupos de convivência existem como uma forma de promover qualidade de vida, envelhecimento ativo, inserindo o idoso na sociedade, acolhendo ele de forma integral possibilitando sua autonomia, promovendo afeto, realizando tarefas para ocupar o tempo livre, aprendendo novas atividades e saberes, recriando sua identidade, tudo para que ele não fique excluído da sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo ficou evidente como a terceira idade precisa da atenção e políticas públicas para garantia dos direitos e da qualidade de vida nesse momento da vida.

Destacamos aqui, a necessidade de um cuidado diferenciado nessa fase, uma vez que a vivência em sociedade e em família irá influenciar fortemente para que sintam satisfação nessa fase da vida e possam ter mais qualidade de vida.

A participação em grupos de convivência é uma ação que deve ser incentivada, é uma forma de inseri-los no meio social, de expressarem seus sentimentos, compartilhar suas experiências, sentir sua autonomia, já que esta fase que deveria ser vista como uma fase de grandes experiências e conhecimentos acumulados e que devem ser compartilhados com a família e amigos, acaba sendo vista por muitos como uma fase de fragilidade e de doença.

Com isso a atuação do psicólogo no CRAS é de grande importância para acolher a terceira idade através de sua escuta qualificada, seus conhecimentos científicos que podem ser aplicados no desenvolvimento destes grupos de encontro e no fortalecimento de vínculos.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paloma *et al.* Funcionalidade e Fatores Associados em Idosos Participantes de Grupo de Convivência. Fatores Associados a Funcionalidade de Idosos. **Revista da Sobama**, Marília, v. 18, n.1, p. 53-64, jan./jun., 2017.

ALVES, Danielle dos Santos. O Envelhecimento e a Importância da Convivência Social e Familiar: Estudo sobre um Grupo de Convivência na cidade de Cruz das Almas- Bahia. **Centro de Artes, Humanidades e Letras – CAHL** Colegiado de Serviço Social. Cachoeira, 2014.

AFONSO, Lúcia M. **Oficinas Em Dinâmicas De Grupo**: Um método de intervenção psicossocial. São Paulo-SP: Casa do Psicólogo, 2006.

AFONSO, Maria Lúcia Miranda; FADUL, Fabiana Meijon. O trabalho com grupos no PAIF: um diálogo interdisciplinar com a Oficina de Intervenção Psicossocial. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 1, n. 10, São João del-Rei, janeiro/junho, 2015.

AFONSO, Maria Lúcia Miranda; SILVA, Marcos Vieira; ABADE, Flavia Lemos. O Processo Grupal e a Educação de Jovens e Adultos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, p 707-715, out./dez. 2009.

BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva; GIACOMIN, Karla Cristina; CAMARANO, Ana Amelia. **A Assistência Social Na Política Nacional Do Idoso**. Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões. 2016.

BRASIL. **Caderno de Orientações**: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Articulação necessária na Proteção Social Básica/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Assistência Social - SNAS. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2016.

BRASIL. **Orientações Técnicas**: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. – 1. ed. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 72 p. 2009.

BRASIL. **Política Nacional Do Idoso**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 1ª ed. 2010.

BRASIL. **Referências Técnicas para Atuação do/a Psicólogo/a no CRAS/SUAS.** Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas – Crepop. Brasília, jun. 2008.

BRASIL. **Sistema Único de Assistência Social** : CRAS Betinho e CREAS Jamari / Alcilene de Souza Araújo Conroy. Ariquemes: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, 1.ed. 2018.

BRASIL. **Suas Tempo de Construção.** 2004. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Revista/PolNacAS_revistaquadrinho.pdf. Acesso em: 17 set. 2019.

CARLOS, Sergio Antonio. **O Processo Grupal.** In: Strey, Marlene *et al.*(org.) Psicologia Social Contemporânea: livro-texto. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 199-206.

COMBINATO, D. S. *et al.* Grupos de conversa: saúde da pessoa idosa na estratégia saúde da família. **Psicologia & Sociedade**, v.3, n. 22, 558-568. 2010.

DANNA, Marilda Fernandes; MATOS, Maria Amélia. **Aprendendo a Observar.** São Paulo: EDICON. 2006.

DELGADO, G. JACCOUD, L. NOGUEIRA, R. P. **Seguridade Social:** Redefinindo o Alcance da Cidadania. Políticas Sociais: acompanhamento e análise. 2ª ed. vol. 1. 2009.

IBGE. **Cidades e Estados.** IBGE: 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/santa-margarida.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

ROGERS, Carl R. **Grupos de encontro Carl Roger:** tradução Joaquim L. Proença- 8ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, (Psicologia e pedagogia). 2002.

KATZER, Mônia Datiane. GOBBO, Edenilza. **PERCEPÇÃO SOBRE CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA DA POPULAÇÃO IDOSA.** 2015. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2015/02/Monografia-M%C3%B4nia-Datiane-Katzer.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

SCHNEIDER, R. H.; MARCOLIN, D.; DALACORTE R. R. Avaliação funcional de idosos. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 4-9, jan./mar. 2008.

WICHMANN, F. M. A. *et al.* Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v.16, n.4, pp.821-832. 2013.